

# ARTISTAS DE RILHAFOLLES

## Outro numero do "Orpheu,"

Sá Carneiro, poeta catholico e monarchico -- Uma «Ode maritima» escandalosa

Temol-o aqui, o segundo numero do *Orpheu*, a singularissima revista sobre a qual chamámos ha trez mezes as atenções do publico e especialmente dos psiquiatras... Dividiram-se as opiniões sobre os moços que subscrevem as extravagancias inacreditaveis do trimensario, afirmando-se ora que são loucos, varridinhos de todo, ora que apenas querem divertir-se á nossa custa e vender a avariada mercadoria... O primeiro numero do *Orpheu* constituiu, com effeito, um acontecimento, pela risota que provocou e pela excepcional extracção que obteve, a ponto de se exgotar, segundo nos informam, e uma alegre revista do anno agora em scena aproveitou o caso para um dos seus mais interessantes numeros.

Os poetas e os prosadores do *Orpheu*, em nosso parecer, soffrem quasi todos da cabeça, embora o desarranjo mental de que são victimas os não arraste á pratica d'outros desatinos de mais graves consequencias. Elegendo como poisadouro alguns cafés da Baixa e juntando-se de preferencia na Brazileira do Chiado, são apparentemente pessoas muito socegadas, não falam alto, não gesticulam, não incommodam ninguém e quasi todos, se não todos, possuem fina educação e viajaram. A sua loucura manifesta-se apenas, mas d'uma forma inilludível, na pretensa producção litteraria. Cada poema é um documento de raro valor para o estudo pathologico d'estes jovens, que se encontram gravidos d'um «manifesto da nova litteratura», que ainda não foi dado á luz por causas varias, entre as quaes avulta a de levar tempo a desenvolver os seus «principios de ordem altamente scientifica e abstracta.»

O segundo numero do *Orpheu* abre com «poemas ineditos» de Angelo de Lima. Este poeta reside, ha muitos

annos, em Rilhafolles e a sua originalidade consiste em semear de maiusculas os versos que compõe e que denotam um profundo aggravação de inspiração. Eis uma das suas estancias menos confusas:

Erguida nas Sandalias Encurvadas  
Sou de Pé ante Ti, ó Verdadeira!  
Dama da Vida, pelo Amor Ungida...  
Senhora Principal... Dama da Vida!  
Eu tua Padre-Mãe!—a Derradeira...  
—Entre as Vagas de Incenso a Ti Votadas...

A Angelo de Lima segue-se o sr. Mario de Sá-Carneiro, que ainda não reside no manicomio Miguel Bombarda, mas que, se proseguir com a tenacidade e o fulgor que caracterizam a sua obra, corre o risco de collocarem sob a vigilancia do sr. dr. Julio de Mattos. Intitulam-se «Poemas sem suporte» os versos do sr. Sá-Carneiro e são dedicados a Santa Rita Pintor. Este joven, que cursou pintura em Lisboa e em Paris, adoptou o appellido de Pintor depois que deixou de pintar... Sá Carneiro, que é um rapaz mastodontico, possui uma alma de creança e acalenta um sonho:

Ter amas a vida inteira...

Uma das suas occupações mais caras consiste em pulir as unhas suas mãos preciosas; d'ahi o poema que intitulou *Manucure* e que começa assim:

Na sensação de estar polindo as minhas unhas,  
Subita sensação inexplicavel de ternura,  
Todo me incluo em Mim—piedosamente—  
Entanto eis-me sózinho no Café:  
De manhã, como sempre, em bocejos amarrellos,  
De volta, as mesas apenas—ingratas  
E duras, esquinadas na sua desgraçiosidade

28 Junho 1915

"A Capitulo"



COMPRA

Boçal, quadrangular e livre pensadora...  
Fóra: dia de Maio em luz  
E sol — dia brutal, provinciano e demo-  
cratico  
Que os meus olhos delicados, refinados,  
esguios e citadinos  
Não podem tolerar—e apenas forçados  
Supportam em nauseas...

O poema vae n'um crescendo in-  
descriptivel de disparates e, a meio,  
tem este parenthesis:

(Como tudo é diferente  
Irrealizado a gaz:  
De livres pensadoras, as mesas fluidicas,  
Diluidas,  
São já como eu catholicas e são como eu  
monarchicas!...)

Sá Carneiro, que se encontra n'um  
café, vendo, como é seu costume, as  
mesas a dançar, põe os seus olhos  
<futuristas, cubritas, interseccionis-  
tas> n'um sujeito que lê o *Matin* e  
faz o elogio dos caracteres typogra-  
phicos e dos annuncios dos jornaes:

Hurrah! por vós, industria typographica!  
Hurrah! por vós, emprezas jornalisticas!

e inclue na versalhada, em grandes  
caracteres, annuncios de toda a raça e  
de todo o tamanho. Acaba por beber  
coisas diversas e da misturada resul-  
ta isto:

Rolo de mim por uma escada abaixo...  
Minhas mãos aperreio,  
Esqueço-me de todo da idéa de que as  
pintava...  
E os dentes a ranger, os olhos desviados,  
Sem chapeu, como um possesso:  
Decido-me!  
Corro então para a rua aos pinotes e aos  
gritos:  
—Hilá! Hilá! Hilá-hé! Eh! Eh!  
Tam... tum... tum... tum tum tum tum...

A trapalhada mais extraordinaria  
e mais assombrosa que encerra o no-  
vo numero do *Orpheu* é a «Ode mari-  
tima», de Alvaro de Campos. Torna-  
se forçoso reconhecer que ha n'ella  
qualquer coisa de superior ao resto  
e que o seu auctor tem talento apesar  
da maluqueira. Não queremos com  
isto dizer que se possa considerar a  
«Ode maritima» um lavor artistico.  
De modo nenhum! Mas parece-nos  
que a sua leitura permite apreciar  
com mais segurança a phisio-psicho-  
logia, tão profundamente moroída,  
d'aquelles a que chamam os *pauílicos*.  
As passagens que desejariamos trans-  
crever são irreproduziveis porque  
não queremos que nos acoimem de  
pornographicos... E basta de reclamo,  
que já não é pequeno!

A Capital  
28-VI (Continuação)

EF60003060208  
H246190